

Contribuições da Teoria da Complexidade à construção do campo teórico da Musicoterapia¹

PIAZZETTA, Clara. Márcia. de Freitas.²
clamarci@bol.com.br ou clara.marcia@gmail.com
CRAVEIRO DE SÁ, Leomara.³

Programa de Pós- Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás – EMAC-UFG.

RESUMO: Este texto é parte da dissertação de Mestrado: *'Musicalidade clínica em Musicoterapia: um estudo transdisciplinar da constituição do musicoterapeuta como um ser musical-clínico'*. Aborda o desenvolvimento da Musicoterapia e seu campo teórico tomando por base os três momentos de desenvolvimento descritos por Gaston (1968). Fundamentado na Teoria da Complexidade de Edgar Morin (1998, 2001), nos conceitos filosóficos do 'terceiro incluído' de Lupasco e nos 'níveis de realidade' de Nicolescu (2001), propõe uma reflexão sobre a construção do campo teórico da Musicoterapia e o desenvolvimento da Ciência. As pesquisas realizadas por musicoterapeutas, nesse início do século XXI, desvelam a essência transdisciplinar da Musicoterapia e seu diálogo espontâneo com o novo paradigma da Ciência.

PALAVRAS-CHAVE: musicoterapia, transdisciplinaridade, música em musicoterapia

INTRODUÇÃO

Ao olhar para o trajeto da construção do campo teórico próprio da Musicoterapia, vislumbramos não apenas o seu reconhecimento enquanto disciplina como também o caminhar da própria Ciência em direção a um novo paradigma, o da complexidade.

A Ciência 'clássica' teve início nas sociedades ocidentais no século XVII, quando 'deixou de ser marginal' (realizada por poucas pessoas tidas às vezes como diferentes) e ocupou um lugar nas Universidades, nas empresas, indústrias e "no coração do Estado que financia". Tornou-se, assim, detentora do poder de transformação da sociedade ao defender o controle e a manipulação dos fenômenos naturais pelo uso da

¹Tema desenvolvido no terceiro capítulo da Dissertação de Mestrado *"Musicalidade clínica em Musicoterapia: um estudo transdisciplinar sobre a constituição do musicoterapeuta como um 'ser musical-clínico'"* no Programa de Pós-Graduação em Música da EMAC-UFG; março de 2006.

² Clara Márcia de Freitas Piazzetta: Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás (Linha de Pesquisa – *Musicoterapia: convergências e aplicabilidades*); Musicoterapeuta Clínica; Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná em 1988.

³Leomara Craveiro de Sá: Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP; Musicoterapeuta Clínica; Especialista em Psicologia Transpessoal; Docente no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia – NEPAM/CNPq.

razão (MORIN, 1998, p. 126). Essa razão foi colocada à prova e fadada à ‘autodestruição’ desde o século XVIII, segundo Adorno e Horkheimer (*apud*, MORIN, 1998).

A Musicoterapia, apesar de haver sofrido influências da Ciência ‘clássica’, cartesiana e determinista, seu corpo teórico foi desvelado e organizado nesse ambiente da pós - modernidade (campo minado pelas contradições, diferenças, indeterminações e incertezas). Segundo Chagas (2003, p.4), a Musicoterapia, enquanto área de conhecimento, surgiu dos “desafios da constituição moderna”. As construções de pesquisas na Musicoterapia deram-se pelo pensamento que prevalecia na Ciência, ou seja, até o final do século XX, ainda era bastante linear.

Três livros⁴ publicados por Kenneth Bruscia sobre a temática da Pesquisa em Musicoterapia são destaques na literatura musicoterápica. Essas publicações, resultantes de eventos científicos, como o *Simpósio de Pesquisa Qualitativa em Musicoterapia em Düsseldorf* (1993) e o II Simpósio Mundial de Musicoterapia em *New York* (1982), ressaltam a importância do tema da pesquisa para a construção do corpo teórico da Musicoterapia. Apresentam a diferenciação entre pesquisas quantitativas e qualitativas no contexto musicoterápico e tomam por base, para as discussões, aspectos específicos e singulares emergentes de pesquisas clínicas. Dessa forma, favorecem o desenvolvimento de metodologias próprias para cada campo de estudo e buscam contemplar as características únicas do fenômeno da experiência musical na Musicoterapia.

É nesse ambiente de buscas por respostas sobre a essência da Musicoterapia que a Teoria da Complexidade desvela-se como algo muito natural nas reflexões sobre as relações entre Musicoterapia e Ciência. Essa área de conhecimento, a Musicoterapia, consolida-se, cada vez mais, nesse tempo atual da complexidade, resultado de sua essência transdisciplinar.

Como chegamos aqui? Como é possível identificar a naturalidade e espontaneidade entre Pesquisa em Musicoterapia e o paradigma da Complexidade apresentada por Edgar Morin?

Desde o século XVII, a construção do conhecimento desenvolve-se pelo uso da razão dentro da objetividade, também conhecido como pensamento cartesiano, positivista. Para Morin (1998), um ‘princípio da simplificação’. A transformação para o ‘princípio da

⁴ Essas obras sem tradução para o Português são: ‘Múltiplas perspectivas: um guia para pesquisa em Musicoterapia’ (SMEIJSTERS, 1997), ‘Pesquisa qualitativa em Musicoterapia: começando diálogos’ (AIGEN, FROMMER & LANGENBERG, 1996) e ‘Pesquisa qualitativa em Musicoterapia’ (WHEELER, 1995).

complexidade’, emergente no século XXI, teve início, segundo Adorno e Horkheimer, a partir de “processos de autodestruição da razão”, desde o século XVIII. Husserl, na metade do século XX, também mostrou que “havia um buraco cego no objetivismo científico”, cegueira esta decorrente da exclusão da subjetividade (*apud* MORIN, 1998, p. 112).

A forma de conceber o conhecimento, presente na teoria defendida por Morin (1998, 2001), permite que o pesquisador trabalhe com conceitos antagônicos que se complementam – princípio dialógico; admite uma forma de relação no âmbito da ‘recursividade organizacional’, ou seja “um processo recursivo é um processo em que os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo causas e produtores daquilo que os produziu” (MORIN, 2001, p. 108). Propõe, também, que a compreensão do todo não se faz pela soma de suas partes, mas por se considerar que em cada parte está o todo – princípio hologramático. Assim, podemos pensar em formas de relação entre ‘as’ Ciências, transcendendo o senso de organização e ordem, construída pelos mecanismos de redução e disjunção da ‘Ciência clássica’ tão simplificadora.

A possibilidade de relação, apontada pelo novo paradigma no ‘tempo da complexidade’, inicia-se, na Ciência, quando acontece a inclusão do sujeito, da subjetividade, da reflexão de que a “ciência e a razão não têm a missão providencial de salvar a humanidade, porém, têm poderes absolutamente ambivalentes sobre o desenvolvimento futuro da humanidade” (MORIN, 2001, p.125).

Dessa forma, o paradigma da complexidade, que ao mesmo tempo separa e associa, “concebe os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais” (*ibid*, p.138). Nesse contexto de flexibilidade, entendemos o campo teórico da Musicoterapia.

TRÊS OLHARES SOBRE O CAMINHAR DA MUSICOTERAPIA NO CAMPO CIENTÍFICO. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA COMPLEXIDADE.

Gaston (1968) aponta o desenvolvimento da Musicoterapia em três momentos: 1) o poder da Música; 2) a relação terapêutica; 3) a busca pelo equilíbrio entre o poder da Música e a relação terapêutica. Nessas etapas foram acontecendo pesquisas, uma vez que a construção da Musicoterapia se dá a partir de uma inter-relação entre teoria, pesquisa e prática clínica.

A partir desta organização apresentada por Gaston (1968), propomos uma reflexão sobre o desenvolvimento científico da Musicoterapia sob esses três olhares.

Ressaltamos que o campo de pesquisas nessa área, que relatamos a seguir, não se refere somente à realidade brasileira, mas abrange uma realidade européia, descrita por Barcellos (2004).

Já a pesquisa em Musicoterapia no Brasil⁵ está no começo e o seu desenvolvimento acontece mais no âmbito acadêmico de Programas de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado), nas áreas da Música, Neurociências, Educação, Psicologia, Ciências Sociais, Comunicação e Semiótica. Lembramos, também, o importante papel desempenhado pelos programas de Iniciação Científica nas graduações – PIBIC e PIVIC/CNPq.

O PRIMEIRO OLHAR, O PODER DA MÚSICA:

Ao construir pesquisas em Musicoterapia pela ação da Música sobre o ser humano, desenvolvendo explicações a partir de mecanismos de controle para averiguação, vigorava a figura de um pesquisador neutro, imparcial e objetivo:

o pesquisador, vindo de uma experiência acadêmica onde padrões como objetividade e distanciamento estão em evidência, chega ao campo de pesquisa em musicoterapia com uma mala cheia de métodos de pesquisa, terrificando ainda mais o musicoterapeuta (BARCELLOS, 2004, p. 37).

É importante esclarecer que o musicoterapeuta e o pesquisador, nesse primeiro contexto, não eram a mesma pessoa. Esse fato é fácil de ser compreendido pela perspectiva da Ciência ‘clássica’, que tem a neutralidade como elemento chave, por um lado, e, por outro, a pouca formação do musicoterapeuta para a realização de pesquisas.

Nesse início, por um primeiro olhar, aparecem as pesquisas européias e brasileiras impulsionadas pelos efeitos psicofisiológicos da música sobre o homem. O pesquisador tinha, ao seu alcance, instrumentos de medida e o que era possível medir no espaço relacional do homem com a Música eram as reações físicas, fisiológicas e psicológicas, isto porque, através de práticas científicas, tentou-se manipular o poder natural da Música sobre o homem, e quem investigava sobre esse tema não era, necessariamente, um musicoterapeuta.

Esse posicionamento gerou incômodos para a Musicoterapia assim como para outras pesquisas clínicas. Diante disso, “(...) muitos são os autores que afirmam, em estudos realizados desde 1977 até 1990, que os métodos experimentais convencionais de

⁵Para mais detalhes sobre o levantamento das pesquisas realizadas por musicoterapeutas no Brasil, consultar os Anais do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia, relatório da Comissão de Levantamento de Pesquisa em Musicoterapia (PIAZZETTA, 2003).

pesquisa nem sempre são os mais desejáveis para pesquisa em terapia” (BARCELLOS, 2004, p. 38-39).

Considerando que a construção da Musicoterapia segue pelo equilíbrio no tripé teoria/pesquisa/prática clínica, “um número de escritores tem sugerido que pesquisa junto com a teoria é essencial para construção da base forte para a prática clínica da Musicoterapia” (WHEELER, 1995, p. 4). Assim, os resultados de pesquisas em Musicoterapia, conectados nessa visão, ao envolverem questionamentos advindos da própria prática clínica, “...algo que distingue o campo da musicoterapia, é claro, é o uso da música e das relações musicais dentro de contextos interpessoais” (ibid, 1995, p. 4), apontam para o segundo olhar.

A mudança no pensamento de alguns pesquisadores, ao buscarem não apenas ‘por quês’, mas também ‘como’, nessa relação Música em Musicoterapia, colaboraram para a delimitação de uma profissão, de um perfil profissional, ao mesmo tempo em que a construção de uma área de conhecimento vai ocorrendo.

O SEGUNDO OLHAR, O INTERESSE NA RELAÇÃO TERAPÊUTICA

Num segundo olhar, quando o foco da Ciência voltava-se à exigência de replicações, generalizações e a necessidade de testar os instrumentos de controles possíveis, passou-se, então, para o outro elemento envolvido, ou seja, os interesses deslocaram-se para a relação cliente – musicoterapeuta, tendo a música ‘como coadjuvante’ (COELHO,2002).

Nesse contexto, percebemos o crescimento das linhas de trabalho que explicam a relação musicoterapeuta-música-cliente por estudos via Psiquiatria, Psicologia e Filosofia, como os métodos Benenzon de Musicoterapia, a Musicoterapia Analítica, a Musicoterapia Behaviorista e a Musicoterapia Criativa da *Nordoff & Robbins*. Acompanhamos, assim, a construção da teoria da Musicoterapia por duas vertentes: a da terapia e a da música, porque o pensamento simplificador da ciência favorecia tal divisão.

Como podemos perceber, atualmente, a compartimentalização da Musicoterapia, como campo de conhecimento da Saúde e da Música, acompanha a construção de seu campo teórico, sem ainda se chegar a um consenso. Contudo, pontuamos que será muito difícil e, certamente, mutilador se chegarmos a uma escolha por um ou por outro. Não é possível separar, na Musicoterapia, sua constituição e sua razão de ser, ou seja, música usada em relações de ajuda.

Nesse segundo olhar, cada elemento que integra os processos musicoterápicos (musicoterapeuta – Música – cliente) ocupa um lugar determinado, ou seja, a Música aparece entre musicoterapeuta e cliente como um elemento externo e intermediário. O foco, assim, está na relação terapêutica. Entretanto, já se vislumbra uma possibilidade de movimentação inter-relacional entre os elementos, como por exemplo, no *‘triângulo de Carpentre e Brandalise’*: “ a relação entre a música do terapeuta e a música do paciente faz emergir outra peça musical. Os três (terapeuta – paciente – Música) objetivam contato”. (BRANDALISE, 2001 p. 30).

As propostas atuais de abordagens musicoterápicas de Ruud (2004), Ansdell & Pavlicevic (2004) e Stige (2002); a Musicoterapia Músico-centrada de Brandalise (2001, 2003), assim como a proposta de Aigen (2005), que consideram a música em igualdade com o terapeuta e o cliente, admitindo-a também como uma entidade, prevêm o terceiro olhar sobre o desenvolvimento da Musicoterapia na Ciência. Elas apresentam uma possibilidade de organização e integração na coexistência desses três elementos. Ao admitir a Música em uma dinâmica relacional intra e inter-pessoal / musical não se pode mais excluir o campo complexo da subjetividade inerente à relação homem / Música.

O TERCEIRO OLHAR, A BUSCA PELO EQUILÍBRIO:

O terceiro olhar, então, admite as incertezas como presentes nos fenômenos das experiências musicais na Musicoterapia sem, contudo, perder a unidade e a essência musicoterápica. Uma formação específica é necessária para se exercer a Musicoterapia, uma vez que nem mesmo a utilização da audição musical por outras formas de terapia caracteriza uma ação musicoterápica.

O musicoterapeuta acolhe a subjetividade de cada cliente expressada na relação única de cada pessoa com a música, sem esquecer sua própria subjetividade nesse espaço relacional. Ao permitir as incertezas, admite a ampliação das relações (musicoterapeuta, cliente e música) para além da linearidade, chegando à recursividade, à consensualidade e à circularidade entre as ações da música, do cliente e do musicoterapeuta. Para tanto, desvela a existência de um terceiro elemento, de um ‘terceiro incluído’ nessa relação triádica, caracterizando a essência transdisciplinar da Musicoterapia.

Trazemos aqui a filosofia do ‘terceiro incluído’ desenvolvida por Stéphane Lupasco em sua obra ‘*Príncipe d’antagonisme et la logique de l’énergie*⁶’:

o terceiro incluído [envolve] a todo e qualquer fenômeno, ou elemento, ou acontecimento lógico e, portanto, ao julgamento que o pensa, a proposição que o exprime, ao signo que o simboliza - e, por exemplo, deve sempre estar associado, estrutural e funcionalmente, um anti-fenômeno ou anti-elemento ou anti-acontecimento lógico e, portanto, um julgamento, uma proposição, um signo contraditório – *não-e* (...). O terceiro incluído está associado à *dialética quântica*, (...). Ela dá acesso à “lógica concreta que reina, freqüentemente, nas profundezas da *alma*, a lógica mais particularmente *psíquica*” (grifo do autor. NICOLESCU, *In* NICOLESCU & BADESCU, 2001, p. 110 e 115).

Nicolescu (2001) traz, também, outro elemento importante para a compreensão da lógica do ‘estado T’, “o famoso estado T (‘T’do terceiro incluído) (...) é um *terceiro unificador*: ele une – e e *não-e*” (grifo do autor, *ibid*, p.110-111). Com isso, considera sua natural proximidade com a música enquanto fenômeno temporal.

a ontológica lupasciana tem conseqüências muito importantes para nossa compreensão do espaço e do tempo. Dois musicólogos fizeram uma análise pertinente dessas conseqüências [...]. Basta dizer que o terceiro incluído induz à *descontinuidade* do espaço tempo.(...) O espaço-tempo quântico é aquele da terceira matéria, dos fenômenos quânticos, estéticos e psíquicos (*apud* NICOLESCU, *In* NICOLESCU & BADESCU, 2001, p. 119).

Considerar a descontinuidade espaço-tempo traz conseqüências para a percepção da realidade. Estamos falando da “realidade não somente [como] uma construção social, o consenso de uma coletividade, um acordo intersubjetivo. Ela é, também, uma dimensão *trans-subjetiva*, na medida em que um simples fato experimental pode arruinar a mais bela teoria científica” (NICOLESCU, *In* NICOLESCU & BADESCU, 2001, p.121).

Nicolescu (2001) traz para o entendimento da lógica do ‘terceiro incluído’ o conceito de “níveis de Realidade”,

definindo o nível de Realidade “ enquanto conjunto de sistemas invariantes à ação de um número de leis gerais”, (...) sem a conciliação das tensões de um primeiro nível (*A* e *não-A*) em um *estado T* situado em um segundo nível (mas, absolutamente, não secundário), sua ‘síntese’ seria apenas uma imensa explosão de energia (GRACIUNESCU, *In* NICOLESCU, 2001, p. 175-176).

Defende, assim, essa compreensão da realidade como inerente à organização do ‘estado T’.

⁶ Relacionado ao desenvolvimento da Física Quântica, o trabalho desse filósofo desafiou a ciência no início do século XX, ao admitir o antagonismo, o não absolutismo da não contradição, revelando também a contradição existente no seio da Ciência e do ser humano

Trazendo para o contexto clínico musicoterápico, essas possibilidades de estar entre incertezas e dialogar com elas, estão presentes nos estudos sobre a escuta musicoterápica, realizados por Coelho (2002). Ao admitir o caráter híbrido da escuta musicoterápica — “musical e clínica” –, a autora questiona: “o que a escuta musical, que é tão flutuante, fazia com a escuta clínica e como ela gerava uma terceira escuta, a escuta musicoterápica?” (COELHO, 2002, p. 01). Nessa afirmação é possível percebermos a presença de um pensamento novo paradigmático nas buscas pela essência da Musicoterapia. Refletir, por pensamentos não lineares, revelou algumas das especificidades da escuta do musicoterapeuta no *setting*.

Também, as buscas de Craveiro de Sá (2003) por uma “*musicoterapia musical* que se explica e que se conduz pela própria música, pelas experiências de escuta e de produções musicais: uma musicoterapia com um espaço-tempo próprio”(CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p. 18), estão presentes na pesquisa que desenvolveu a partir do atendimento a autistas embasando seu trabalho na proposta filosófica de Deleuze e Guattari:

e é nesse tempo musical-musicoterápico, não somente horizontal, nem tampouco somente circular, mas um tempo também de coexistências, de multiplicidades, de intensidades, que proponho estar com o autista, vivenciar sua temporalidade, acatar suas formas de vida, numa interação positiva (CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p. 18).

Ao apresentar uma “clínica musicoterápica voltada para o novo paradigma estético”, baseada na proposta filosófica de Deleuze e Guattari, a autora ressalta o seu desejo: “procurar abrir comportas sejam através das ciências, da filosofia ou da arte, em direção aos “e”... “e”... “e”...” (CRAVEIRO DE SÁ, 2003, p. 20). Ao defender esse espaço do “entre” como algo presente na Musicoterapia, a autora também nos lança no campo transdisciplinar.

CONCLUSÃO:

Os três momentos de desenvolvimento da Musicoterapia apresentados por Gaston (1968) aconteceram em função do diálogo que a Musicoterapia estabelece com a Ciência. Existe uma estreita relação entre a construção de um campo teórico da Musicoterapia e a realização e divulgação de pesquisas científicas no campo da Musicoterapia.

Quanto mais os pesquisadores musicoterapeutas perceberem e acolherem a inter-subjetividade inerente à relação homem-música, admitindo-a como misteriosa e não mística, mais a inter-relação triádica (musicoterapeuta, cliente, música) será aceita como um fenômeno natural das experiências musicais musicoterápicas, revelando a espontânea

proximidade da Musicoterapia com o paradigma da Complexidade nesse momento de delineamento do campo teórico da Musicoterapia. Um campo teórico que se revela(rá) como algo em constante transformação.

Referências Bibliográficas

- AIGEN, Kenneth. *Music-Centered Music Therapy*. USA: Barcelona Publishers, 2005.
- AIGEN, Kenneth, LANGENBERG, Mechtild & FROMMER, Jörg. *Qualitative Music Therapy Research: beginning dialogues*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 1996.
- ANSDELL, Gary & PAVLICEVIC Mercédès. *Community Music Therapy*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2004.
- BARCELLOS, Lia R. *Musicoterapia: alguns escritos*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- BRANDALISE, André. *Musicoterapia Músico-centrada*: Linda, 120 sessões. São Paulo: Apontamentos, 2001.
- CHAGAS, Marly. Musicoterapia: desafios da interdisciplinaridade entre a modernidade e contemporaneidade. CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 14, 2003, Porto Alegre. *Anais do XIV Congresso da ANPPOM*. Porto Alegre: 2003.
- COELHO, Lílían. *Escutas em Musicoterapia: a escuta como espaço de relações*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, PUC-SP. São Paulo: 2002.
- CRAVEIRO DE SÁ, Leomara. *A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia*. Goiânia: Editora UFG, 2003.
- GASTON, Thayer. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- MORIN Edgar. *Ciência com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 2ª ed., 1998.
- _____. *Introdução ao pensamento complexo* São Paulo: Instituto Piaget, 3ª edição, 2001, p.83-113.
- NICOLESCU, Basarad & BADESCU, Horia. *Stéphane Lupasco o homem e a obra*. São Paulo: Triom 2001.
- PIAZZETTA, Clara Márcia. Relatório da Comissão de Levantamento de Pesquisa em Musicoterapia – CLP 2003, UBAM. In ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MUSICOTERAPIA, 4, 2003, Natal. *Anais do XI Simpósio Brasileiro de Musicoterapia e III Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia*. Natal: AMTERN, 2003. CDRom.
- RUUD, Even. Defining Community Music therapy [online]. *Voices: A World Forum for Music Therapy*, Moderated Discussion. 2004. Acessado em 13 de outubro de 2004, de http://www.voices.no/discussions/discm4_04.html.
- STIGE, Brynjulf. *Culture-Centered Music Therapy*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 2002.
- SMEIJSTERS, Henk. *Multiple Perspectives: A Guide to Qualitative Research in Music Therapy*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 1997.
- WHEELER, Barbara. *Music Therapy research quantitative and qualitativ perspectives*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 1995.